

HIPÓTESES SOBRE O SER NO SEMINÁRIO SOBRE O DESEJO

Luiz Fernando Botto Garcia

Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do professor doutor Vladimir P. Safatle.

E-mail: lfbotto@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe pensar a maneira como Jacques Lacan apresenta seu conceito de ser, enquanto noção fundamental para a articulação de conceitos-chave dentro do contexto do *Seminário VI*, tais como simbólico e real, inconsciente e desejo. Busca-se desenvolver os momentos fundamentais em que o conceito é apresentado por Lacan, de modo a justificar a hipótese de que o ser é o nome de algo já muito próximo à versão real do objeto, conforme os seminários posteriores.

Palavras-chave: ser; simbólico; real; desejo.

Abstract: This article proposes to think of the way how Jacques Lacan presents his concept of being, as a crucial notion to link key concepts within the context of Seminar VI, such as symbolic and real, unconscious and desire. The aim is developing the crucial times when Lacan presents this concept, in order to justify the assumption that being is the name of something already very close to the actual version of the object, according to the subsequent seminars.

Keywords: being; symbolic; real; desire.

Do problema em questão: breve introdução

Há uma pequena palavra, de peso filosófico imensurável, que, ao aparecer substantivada, estranha aos olhos dos leitores do 6º ano do seminário de Jacques Lacan: “ser”. Estabelecer qual seu estatuto e lugar na metapsicologia lacaniana que estrutura o seminário sobre o desejo, de modo a diferenciar a apropriação psicanalítica do conceito em relação à posição metafísica clássica, eis o objetivo deste trabalho. Para isso, precisaremos passar pela problemática da determinação significativa e da função do fantasma, para podermos, só então, acompanhar as questões que envolvem o ser, de modo a dar conta de sua relação junto a conceitos fundamentais, tais como o desejo e o inconsciente.

Objeto do fantasma como suporte do sujeito

É na segunda metade da década de 1950 que a influência estruturalista se faz presente de maneira mais forte na obra de Lacan, por pensar a centralidade da linguagem como determinante maior da subjetividade. Porém, exatamente porque levou o estruturalismo às últimas consequências, Lacan se deparou com uma estrutura que, se plena, impossibilitaria qualquer tipo de clínica que não fosse a de uma corroboração da alienação do indivíduo.

Afinal, se pensarmos, com Ricoeur, que o estruturalismo é um kantismo sem sujeito transcendental, a anterioridade da estrutura sobre o indivíduo se faz na ordem de uma apreensão transcendental da primeira sobre o segundo: a estrutura dá a determinação *a priori* dos indivíduos e de suas relações. Tudo se passa como se tal determinação simbólica da estrutura sobre o sujeito fizesse desse sujeito lacaniano algo um tanto quanto frágil, escondido por trás dos significantes fundamentais da linguagem. Pois o sujeito seria um *fading*, suportado pela produção da estrutura: sujeito evanescente, que se esvai no eu que pensa e que não consegue sobreviver diante dos significantes fundamentais do grande Outro.

Nesse auge do estruturalismo lacaniano, faz-se presente em sua teoria uma tamanha determinação do sujeito que a própria prática psicanalítica é posta em risco. Pois o correlativo da determinação *a priori* da estrutura sobre os indivíduos na clínica nada mais seria do que a determinação total do sujeito perante a esfera social, e onde há determinação total não há sujeito.

No SVI¹, o sentido da recuperação lacaniana do conceito de *aphanisis*, de Jones, diz respeito exatamente a essa possibilidade de um apagamento do sujeito diante da estrutura, determinado em sua totalidade. Arrancado das estranhas do Outro, o sujeito não suportaria o peso da determinação simbólica e deixaria de ser sujeito para se tornar um puro assujeitamento. Quando define o que seria a singularidade radical do inconsciente psicanalítico, afirma-nos Lacan:

Não é que ele se constitui, que ele se institui como inconsciente, simplesmente na dimensão da inocência do sujeito, em relação ao significante que se organiza, que se articula no

1 A partir de agora, iremos nos referir ao seminário 6 como SVI.

seu lugar; é que há nessa relação do sujeito com o significante esse impasse essencial [...], eu acabo de reformular que não há outro signo do sujeito que o signo de sua abolição de sujeito. (1958-1959/2002, p. 119)

Para o sujeito que vivencia a castração simbólica, o sujeito barrado pelo significante, a *aphanisis* é uma vivência necessária, um signo impossível de ser contornado. É o que é a *aphanisis* senão o desespero de um sujeito que vê o seu desejo perecer diante da determinação total do significante? “Se o Outro não é furado, se é uma bateria completa, a única relação possível do sujeito com a estrutura é a de uma alienação total, de um assujeitamento sem resto” (ŽIŽEK, 1988/1991, p. 78).

É como se Lacan tivesse proposto algo arriscado demais nessa correlação direta entre estruturalismo e teoria do sujeito. Talvez possamos dizer que se Lacan não fosse um psicanalista, não teria grandes dificuldades em aceitar a derrota e se embrenhar nas fileiras de seus contemporâneos colegas teóricos que cantavam a morte do sujeito. Mas sem sujeito não há psicanálise, e se existe uma constatação clínica na qual Lacan insiste durante toda a sua obra é de que há sujeito, mesmo que reduzido a aparições e efeitos de sujeito.

Eis o momento em que alcançamos algo da necessidade de se pensar o objeto a, enquanto lugar de sobrevivência do sujeito. O longo parágrafo a seguir mostrará como Lacan toma os termos de maneira precisa:

É porque ela se situa aí, essa articulação do sujeito com o objeto, que o objeto ocorre ser essa alguma coisa que não é o correlativo e o correspondente de uma necessidade do sujeito, mas essa alguma coisa que suporta o sujeito precisamente no momento em que ele tem de fazer face, se podemos dizer, à sua existência, que suporta o sujeito na sua existência, na sua existência no sentido mais radical, ou seja justamente que ele existe na linguagem; quer dizer que ele consiste em qualquer coisa que está fora dele, em algo que ele não pode agarrar na sua natureza própria de linguagem senão no momento preciso em que ele, como sujeito, se deve apagar, se desvanecer, desaparecer atrás de um significante, o que é precisamente o ponto, se pode-se dizer, “pânico” em torno do qual ele tem de se agarrar a algo e é justamente ao objeto enquanto objeto do desejo que ele se agarra. (Ibid., p. 100)

A ideia é explícita: ao correr o risco de se apagar diante do significante, o objeto a, aqui na sua versão de objeto do desejo, será a instância em que o sujeito se agarrará para não desaparecer.

Mas o que é esse objeto? Afinal, tamanha responsabilidade de ser a caução do desejo do sujeito não pode dizer respeito a um objeto qualquer. No contexto do SVI,

o objeto a é o objeto do fantasma: onde o desejo do sujeito aprende a se situar. Tal objeto, como comunicá-lo, algo de tão importante, sem perdê-lo, aliená-lo no discurso? “Através de uma mentira” (ibid., p. 103), diz Lacan – frase que adianta a afirmação do SVII de que a verdade tem estrutura de ficção, já que diz respeito ao fantasma. Pois o fantasma é esse véu que encobre a possibilidade da *aphanisis*, ao eleger um objeto como suporte do desejo do sujeito. De sua fórmula, $\$ \diamond a$, vemos que o fantasma é exatamente a relação do sujeito barrado com o objeto a: “é isto, algo que é uma certa posição do sujeito em face de um certo objeto” (ibid., p. 199). E quanto ao objeto a, afirma Lacan a partir de uma metáfora retirada de Weil: este é o objeto que diz daquilo que “o avarento lamenta na perda de seu cofre” (ibid., p. 321). Objeto que diz, portanto, do que há de mais íntimo no sujeito.

No decorrer de quase todo o seminário, o objeto do fantasma é o objeto imaginário, estruturado na relação com o semelhante, dada a formação do eu a partir da identificação com o outro – pequeno outro, que vai funcionar como suporte do desejo do sujeito exatamente a partir da relação narcísica eu/outro. Pois, quanto à *aphanisis*, diz o psicanalista, que “toda natureza do fantasma é de a transferir para o objeto” (ibid., p. 126). Na maior parte do seminário, é desse objeto imaginário que se trata no fantasma. Porém, apesar de não lidar com outra versão do objeto a senão a imaginária, Lacan antecipa de um modo impressionante, já em 1959, a maneira pela qual o fantasma pode abrir a experiência do sujeito para uma vivência do real (BERTA, 2012), e será a partir do ser que se dará essa abertura:

Será que o lugar ocupado pelo fantasma não nos requisita ver que há uma outra dimensão em que nós havemos de ter em conta isto que se pode chamar as exigências verdadeiras do sujeito? Precisamente esta dimensão nunca da realidade, de uma redução ao mundo comum, mas de uma dimensão de ser. (LACAN, 1958-1959/2002, p. 404)

Maneira de dizer do real no SVI, o ser será a maneira pela qual Lacan poderá tratar dessa outra dimensão, sempre tomada em relação ao simbólico.

Entre o simbólico e o real: o ser como corte

Quanto ao estatuto do ser, nos diz Lacan: “no interior desse simbólico, ele representa uma erupção do real” (ibid., p. 157). Ou ainda: “o ser, nós diremos então que é propriamente o real enquanto ele se manifesta ao nível do simbólico, mas entendamos bem que é ao nível do simbólico” (ibid., p. 434). Se por um lado o estatuto do ser no

SVI é, de fato, real, esse real não é sem o simbólico. *Entendamos bem*, eis o apelo de Lacan: o ser não é anterior à linguagem. Lacan não faz filosofia: não há um ser prévio, inalcançável ao entendimento, mas que subsiste como *noumenon*, e que pode ser pensado, num segundo momento, a partir da linguagem, tomada aqui como efeito do ser. Aqui, o ser é efeito da linguagem: sem simbólico não há real, porque o simbólico é o tecido onde o real se faz existir. Antecipando uma citação de 14 anos à frente: “esse ser, não se faz senão supô-lo em algumas palavras – indivíduo, por exemplo, ou substância. Para mim, é apenas um fato de dito” (LACAN, 1975/1985, p. 160). Ser, fato da linguagem. E não o contrário.

Mas o que quer dizer essa “erupção” do real no simbólico? Lacan define o ser a partir de sua forma: corte na linguagem, algo que rompe a estrutura dos significantes e fura o simbólico, formando um intervalo na rede de significantes:

Este ser não está em nenhuma parte alhures (que isto seja bem entendido!) senão nos intervalos, nos cortes e ali onde propriamente falando, ele é o menos significante dos significantes, ou seja o corte. Que ele é a mesma coisa que o corte o torna presente no simbólico. (LACAN, 1958-1959/2002, p. 434)

Porque o ser é corte no simbólico, isso o torna presente exatamente no simbólico: é real, mas é o real no simbólico, é furo na linguagem.

Interessante notar que será nesse corte real que Lacan irá localizar o próprio sujeito: “é o sujeito como sendo no intervalo, como sendo isto que está no intervalo do discurso do inconsciente, como sendo propriamente a metonímia deste ser que se exprime na cadeia inconsciente” (ibid., p. 413). Ou ainda: “se trata da relação do real do sujeito como entrando no corte, e esse acontecimento do sujeito ao nível do corte tem algo que é preciso mesmo chamar um real” (ibid., p. 422). Pois é no nível do corte que o sujeito se interroga como ser, para além da determinação do significante, num ponto onde o real se faz sentir como aquilo que não é simbolizável. Em outra passagem, Lacan desenvolve a ideia:

É enquanto ele [o sujeito] é o corte desse discurso que ele está no supremo grau de um “eu sou” que possui essa propriedade singular nessa realidade, que é verdadeiramente a última em que um sujeito se apreende, ou seja a possibilidade de cortar em alguma parte o discurso, de pôr a pontuação. Essa propriedade em que jaz seu ser essencial, seu ser em que ele se percebe enquanto a única intrusão real que ele traz radicalmente no mundo

como sujeito, o exclui no entanto, a partir de todas as outras relações vivas, a ponto de que é preciso todos os desvio que nós outros analistas conhecemos para que Eu (*Je*) o reintegre nele. (Ibid., p. 490)²

É exatamente a possibilidade de exercer algo do seu ser através de sua função de corte na linguagem, que o exclui de efetivamente ser junto a “todas as outras relações vivas”, situadas no regime simbólico, sem que tenha que passar pelos meandros imaginários do Eu.

Da relação do ser com o desejo

Pensar o ser como corte no simbólico nos dá uma definição negativa, que faz do ser um vazio, determinado por aquilo que ele atravessa e que o cerca. Sem a trama simbólica, não haveria o que furar, e não há ser senão enquanto falta. É nesse sentido que Lacan pode afirmar que “não há nada de substancial no ser” (ibid., p. 55): ser é corte. Mas mesmo puro vazio, é um vazio performativo, e o ser não deixa de ter algo de uma positividade, mesmo que seja a de uma positividade da falta.

Porém, Lacan, ao relacionar o ser com o inconsciente, apresentando-o como algo de perdido para o sujeito, abre a possibilidade de que o ser seja lido como dizendo de algo que foi, um dia, substancial. Pois lemos que, quanto à descoberta freudiana, eis “o inconsciente, ou seja, essa alguma coisa que sempre coloca o sujeito a uma certa distância de seu ser e que faz com que precisamente esse ser não o reencontre nunca” (ibid., p. 33). Ou seja, o inconsciente, enquanto principal efeito da maneira pela qual o sujeito se articula em relação ao significante, seria aquilo que afastaria o sujeito de seu ser.

Mas acredito que há uma maneira interessante de articularmos essa ideia do ser como perdido com a noção do ser como algo não substancial, que é relacioná-lo à versão real do objeto. Um ano antes da formulação do real da coisa, o ser pôde fazer às vezes desse algo perdido, cuja presença não pode ser pensada senão como mítica, mas, ainda assim, como um mito presente, positivado a partir de sua capacidade de produzir efeitos: o objeto que o avarento lamenta na perda de seu cofre, conforme a

2 Passagem que também antecipa a divisão feita por Lacan no SXV, quando separa o “eu penso” do “eu sou”, aproximando do pensar o inconsciente (aquele que é estruturado como linguagem, não o real), e do ser algo do pulsional ligado ao objeto a como *pas-je*, real.

metáfora de Weil, é o ser mítico do sujeito (e que esse ser vá dizer diretamente do objeto a, eis algo que Lacan ainda não tem com clareza em sua metapsicologia no seminário em questão).

De qualquer forma, temos que a possibilidade de pensar o ser como a versão real do objeto no SVI, o objeto perdido, mas positivado em sua falta como um vazio, um corte no simbólico. A continuação de nossa última citação parece ir de encontro à nossa leitura: “é por isso que se torna necessário, que ele [o sujeito] não pode fazer de outro modo senão atingir seu ser nessa metonímia do ser no sujeito que é o desejo” (ibid.). Ou seja, o desejo como a maneira que o sujeito encontra para resvalar em algo desse ser perdido, ideia que coloca o ser exatamente como causa do desejo, lugar de *das Ding*, lugar do objeto a em sua versão real.

E, quanto a esse desejo, temos uma diferenciação no interior de sua própria estrutura que também diz respeito ao ser (BERTA, 2012). Pois no âmbito teórico do SVI, Lacan articulou dois níveis da experiência do desejo: o *Wunsch*, enquanto articulado, estruturado pelo fantasma, o desejo que se oferece à interpretação a partir de sua articulação com a cadeia significante; e algo que ele denomina “desejo em si”, ou “desejo sem mais”, uma potência de pura negatividade anterior a essa articulação. Pois “o *Wunsch* não é em si mesmo, sozinho, o desejo, é um desejo formulado, é um desejo articulado” (LACAN, 1958-1959/2002, p. 47). É a partir do ser que o psicanalista estrutura a relação entre esses dois níveis:

Muitas vezes é por intermédio desse segundo desejo [*Wunsch*] que o primeiro [desejo em si] é satisfeito, o desejo sendo aquilo em que o sujeito do *Wunsch* se satisfaz. (...) ponho esse sujeito entre parêntesis, e tudo o que Freud nos diz, é que é um *Wunsch* que se satisfaz. Satisfaz-se do quê? Eu diria que ele se satisfaz do ser (Ibid., p. 54).

Se é o ser que o *Wunsch* busca, novamente encontramos esse ser como o alvo, o objetivo do desejo. O *Wunsch* seria a maneira de colocar no simbólico algo dessa aparição real do ser como corte na trama significante, aparição que diria do desejo sem mais como desejo ligado diretamente ao ser, mas que, enquanto perdido, como falta positivada, não teria como se exprimir a não ser via articulação significante.

De uma hipótese em aberto, mas possível

É nesse sentido, de pensar o ser como causando o desejo do sujeito, que podemos ler a proposta lacaniana de interpretação do *Wo Es war* freudiano: onde antes algo

estava que era do desejo inconsciente, o Eu (*Je*) deve advir, deve “reconquistar o campo perdido do ser do sujeito” (LACAN, 1958-1959/2002, p. 401). Uma vez perdido (e o ser não é senão enquanto perdido), não haveria outra maneira de se relacionar ao ser senão a partir dessa metonímia do ser no sujeito que é o desejo. Recuperar o campo perdido do ser do sujeito equivale, aqui, a desejar.

Foi, portanto, a partir da ideia não filosófica da qual o ser não é nada de substancial, ao mesmo tempo que é algo perdido, que pudemos pensar o ser como o real que corta a trama significante do simbólico e se instaura como um vazio produtor de efeitos – produtor de desejo. Dessa forma, foi possível interpretar o ser como a maneira lacaniana de conceitualizar algo do objeto em sua versão real, que aparecerá no seminário seguinte sob o nome de *das Ding*. Hipótese em aberto, mas que entendemos fundamentada a partir da maneira pela qual o ser nos pareceu funcionar como *causa do desejo*, definição última do objeto como real.

Referências

- BERTA, S. L. *Um estudo sobre a invenção de Lacan: o objeto a*. In: FÓRUM DO CAMPO LACANIANO, São Paulo, 2012 (anotações).
- LACAN, J. (1958-1959). *O seminário VI – O desejo e sua interpretação*. Porto Alegre: Associação psicanalítica de Porto Alegre (circulação interna), 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/64015482/O-Seminario-livro-6-O-desejo-e-sua-interpretacao>>. Acesso em: 7 fev. 2013.
- _____(1975). *O seminário XX – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ŽIŽEK, S. (1988). *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

Recebido em 2/6/2014; Aprovado em 14/8/2014.